

IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

16 e 17 de Outubro de 2015

SOBRE PESQUISA CONCEITUAL

José Antônio Damásio Abib (Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, Brasil).

contato: j.abib@terra.com.br

Palavras-chave: Confusão conceitual. Tradições filosóficas. Empirismo epistêmico. Epistemologia pós-empirista.

Pesquisa conceitual tem o intuito de esclarecer confusão conceitual. Não houvesse confusão conceitual, e não fosse importante elucidá-la, não haveria razão para realizar pesquisa conceitual. Na psicologia há várias fontes de confusão conceitual, aparentemente vinculadas à pluralidade de pensamento psicológico. Exploramos, aqui, quatro fontes de confusão conceitual na psicologia. As duas primeiras relacionam-se com a existência de tradições e versões de pensamento psicológico. As duas últimas mostram que a confusão conceitual no âmbito das tradições e versões de pensamento psicológico reflete a presença ignorada ou insuficientemente esclarecida de tradições de pensamento filosófico. Isso equivale a dizer que ler uma tradição de pensamento psicológico na linguagem de outra tradição de pensamento psicológico, por exemplo, ler a psicologia de Wundt na linguagem da psicologia de Titchener, é fonte de confusão conceitual, pois não são respeitadas, ou são ignoradas, duas filosofias distintas, duas culturas filosóficas conflitantes: o idealismo alemão no caso de Wundt e o empirismo inglês no caso de Titchener (Blumenthal, 1980; Danziger, 1979). Uma confusão conceitual análoga ocorre quando se lê uma versão de determinada tradição psicológica na linguagem de outra versão dessa mesma tradição, por exemplo, ler a psicologia de Skinner na linguagem da psicologia de Watson compromete silenciosamente ou inadvertidamente o pensamento psicológico de Skinner com o materialismo presente na psicologia de Watson. Essas confusões conceituais têm ampla repercussão no campo do conhecimento psicológico. No caso de Wundt, significa que não conhecemos o projeto de psicologia científica que inaugurou a psicologia moderna e que lançou às brasas a psicologia tradicional: a psicologia metafísica. No caso de Skinner, localiza-se o comportamento no sistema nervoso, uma visão que ele criticou *ad nauseam*, com vistas a elaborar uma concepção radical do comportamento. Por si só, a crítica ao mentalismo é insuficiente para

IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

16 e 17 de Outubro de 2015

chegar às raízes do comportamento: é necessário ainda fazer a crítica do materialismo. Como Merleau-Ponty (1977) argumentou convincentemente, o comportamento é neutro com relação a explicações mentais e fisiológicas. Antes de tudo, o comportamento é relação com um mundo físico e social. O lugar do comportamento não é nem na mente nem no sistema nervoso. O lugar do comportamento é no mundo. Portanto, do ponto de vista filosófico, foi Skinner, e não Watson, quem radicalizou o conceito de comportamento, o que equivale a dizer que o fundador do comportamentalismo foi Skinner e não Watson.

Se a confusão conceitual é uma expressão de ignorância filosófica, então precisamos formar e apurar o olho epistêmico. Nesse sentido, seria oportuno perguntar se as fontes de confusão conceitual não seriam evitadas se a análise conceitual se restringisse ao exame de versões específicas e limitasse sua abrangência com relação às tradições psicológicas. Certamente, a pluralidade de filosofias circulantes é menor em versões do que em toda uma tradição e a confusão conceitual pode ser dirimida, mas ainda assim se faz presente. Por exemplo, o comportamentalismo radical de Skinner já foi relacionado com o materialismo, positivismo, pragmatismo, bem como com o pensamento moderno e pós-moderno (Abib, 1999, 2001; Creel, 1980; Kvale, 1985; Laurenti, 2012; Lopes, Laurenti & Abib, 2012; Moxley, 1999; Smith, 1986; Zuriff, 1980).

A análise conceitual pode contribuir, portanto, para corrigir confusões conceituais de grande repercussão para o entendimento do pensamento psicológico, mas, aparentemente, não contribui significativamente para indicar o rumo de um projeto unitário de psicologia científica. Um projeto em que talvez a confusão conceitual seja inexistente, ou menos epidêmica. Será que há algum outro caminho que possa descortinar um horizonte para um projeto unitário da psicologia? Talvez esperanças possam ser depositadas na característica crucial da psicologia moderna: o projeto de se transformar em uma ciência empírica. *Empírico* vem de *empeiria* que significa experiência (Chauí, 1994; Williams, 1983). Significa também crença na observação, observação da experiência: a base empírica da ciência moderna (Kaplan, 1964; Williams, 1983). Essa concepção de ciência é conhecida como empirismo epistêmico. E é problemática (Chalmers, 1978; Feyerabend, 2007; Hanson, 1975; Kuhn, 2011; Popper, 1971; Zuriff, 1985). A observação da experiência é uma experiência, e assim sendo, depende da aprendizagem, da percepção, das expectativas e do conhecimento do observador. Como escreve Hanson, “são as pessoas que vêem e não seus olhos” (p. 129). E

IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

16 e 17 de Outubro de 2015

quando a observação da experiência é substituída por proposições de observação, supostamente mais objetivas, verifica-se que são mediadas por teorias. Não há observação pura: nem a observação da experiência nem as proposições de observação são neutras. De acordo com Popper, o problema da base empírica é o problema da justificação dos enunciados observacionais. Popper condena três teorias, a teoria dogmática em que se aceitam enunciados observacionais sem justificação; a teoria indutivista em que se aceitam enunciados observacionais com base nas sensações; a teoria lingüística em que se aceitam enunciados observacionais com base em enunciados observacionais. Popper substitui os enunciados observacionais por enunciados básicos, enunciados que envolvem acordos intersubjetivos entre os cientistas, sempre abertos a revisão, um elemento subjetivo na base da ciência. Esclarecido que a base empírica é filosófica, ela contribui para aumentar a confusão conceitual na psicologia, e não para diminuí-la, se não por nada, ao menos por criar falsas expectativas assentadas na ilusão da objetividade da observação. Da perspectiva desse ensaio, pesquisa conceitual é análise pós-empírica, é análise que começa pelo exame das teorias psicológicas e de seus compromissos filosóficos.

Referências

Abib, J. A. D. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 237-247.

Abib, J. A. D. (2001). Behaviorismo radical como pragmatismo na epistemologia. In Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Q. P. P., & Scoz, M. C. (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (v. 8, pp. 158-161). Santo André: ESETec.

Blumenthal, A. L. (1980). Wilhelm Wundt and Early American Psychology: A Clash of Cultures. In Rieber, R. W. (Org.), *Wilhelm Wundt and the making of a scientific psychology* (pp. 117-135). New York: Plenum Press.

Chalmers, A. (1978). *What is this thing called science?* England: The Open University Press.

Chaui, M. (1994). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense.

Creel, R. (1980). Radical epiphenomenalism? B. F. Skinner's account of private events. *Behaviorism*, 8 (1), 31-53.

IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

16 e 17 de Outubro de 2015

Danziger, K. (1979). The positivist repudiation of Wundt. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 15, 205-230.

Feyerabend, P. (2007). *Contra o método* (C. A. Mortari, Trad.). São Paulo: UNESP. (Trabalho original publicado em 1975).

Hanson, N. R. (1975). Observação e interpretação (L. Hegenberg & O. S. da Mota, Trads.). Em: Morgenbesser, S. (Org.), *Filosofia da ciência* (pp. 127-138). São Paulo: Cultrix.

Kaplan, A. (1964). *The conduct of inquiry: Methodology for behavioral science*. San Francisco: Chandler Publishing Company.

Kuhn, T. (2011). *A estrutura das revoluções científicas* (B. V. Boeira & N. Boeira, Trads.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1962).

Kvale, S. (1985). Skinners's radical behaviorism and behavior therapy – An outline for a marxist critique. *Revista Mexicana de Análisis de la conducta*, 11 (3), 239-253.

Laurenti, C. (2012). O lugar da análise do comportamento no debate científico contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3), 367-376).

Lopes, C. E., Laurenti, C. & Abib, J. A. D. (2012). *Conversas praagmatistas sobre comportamentalismo radical: mundo, homem e ética*. Santo André: ESETec.

Merleau-Ponty, M. (1977). *La structure du comportment*. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1942).

Moxley, R. A. (1999). The two Skinners, modern and postmodern. *Behavior and Philosophy*, 27, 97-125.

Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Ohio: Merrill Publishing Company.

Smith, L. D. (1986). *Behaviorism and logical positivism: a reassessment of the alliance*. California: Stanford University Press.

Williams, R. (1983). *Keywords*. New York: Oxford University Press.

Zuriff, G. E. (1985). *Behaviorism: a conceptual reconstruction*. New York: Columbia University Press.